



MATERIAL DE APOIO



MAPEAMENTO

Ampliando as possibilidades de interlocução entre a escola e o território

O território que ensina

Muitas experiências de Educação Integral pressupõem a interlocução da escola com o território em que ela se insere, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizagem.

Na perspectiva da Educação Integral, entendemos que uma atividade educativa não acontece apenas na sala de aula: a cidade e as pessoas que nela habitam têm muito a contribuir.

Aprendemos conteúdos de ciências com nossos professores de ciência, mas podemos descobrir muito sobre a temática com profissionais da saúde, com



jardineiros, com mães que sabem tudo sobre amamentação e processo de crescimento das crianças, com veterinários, botânicos, hortelões, feirantes... enfim, as possibilidades são inúmeras. Entendemos que os saberes das pessoas das nossas comunidades complementam os saberes acadêmicos, da sala de aula e, quando conseguimos associar essas duas formas de perceber o conhecimento, temos um processo de aprendizagem muito mais rico, fortalecido e significativo para todos os envolvidos.

Da mesma forma, quando encontramos as pessoas engajadas com a nossa cidade, descobrimos muito sobre o que as comunidades têm a oferecer. Vamos tomar outro exemplo: um sarau que acontece em determinada região pode complementar ou até ser em si mesmo um processo educativo muito interessante: aprender poesia, discutir a realidade das pessoas, pensar sobre formas de comunicação – as possibilidades de um evento desse formato são inúmeras!

Mas onde e como encontrar esses espaços e essas pessoas?

Só que claro... essas pessoas e espaços nem sempre se veem ou se compreendem como espaços educativos – e muitas vezes não percebem o quanto podem contribuir com a qualidade da educação em nossas escolas e nas cidades como um todo.

Para tanto, é preciso investir em uma pesquisa ativa – um **mapeamento** de nossas comunidades, olhando para aquilo que elas oferecem com o olhar da educação para além da sala de aula, levantando a ideia de que podemos aprender em vários lugares, desde que haja essa intencionalidade.

Mapeamento: Ampliando as possibilidades de interlocução com o território

O mapeamento, além de uma atividade para encontrar espaços e organizações que possam contribuir com a educação, é também uma ação de mobilização. Ao convocar pessoas a olhar para nossas cidades com esse propósito, apresentamos a nossa agenda: a ideia de que a educação também acontece fora da escola e pode complementar e apoiar o trabalho dos professores. Ou seja, além de ser mapeada, a própria cidade vira responsável pelo mapeamento.

Assim, além de serem convidadas a entender sua própria comunidade, as pessoas que participam do mapeamento começam a se

reconhecer e se apropriar do local onde vivem, descobrindo relações e criando vínculos que até então estavam escondidos. Esse exercício permite também que as pessoas descubram o que não é educativo de suas cidades e percebam problemas ou questões locais que precisam ser trabalhadas coletivamente, que convidam a uma ação coletiva de educação.

Após um mapeamento, por exemplo, podemos perceber que a cidade tem pouca sinalização, o que prejudica o trânsito local e a segurança das pessoas. Esse pode se tornar o mote de uma atividade interdisciplinar na escola, convidando alunos, professores e direção a pensarem juntos como melhorar a sinalização do entorno da instituição. Se a proposta mobilizar as pessoas, ela pode até se tornar uma pauta para o município, encorajando os estudantes a descobrirem como funcionam os trâmites para implementação e revisão de leis, como funciona a casa legislativa local, qual o papel dos vereadores, quem são e como operam

Aconteceu de verdade

Na comunidade do Cantinho do Céu, no Grajaú, bairro da periferia de São Paulo, um grupo de adolescentes saiu para realizar um grande mapeamento dos pontos de comunicação da região. Mas, no percurso, acabaram notando a enorme quantidade de lixo. Assim, o grupo decidiu unir as duas coisas. Com o apoio dos veículos de informação levantados no mapeamento, os jovens propuseram um mutirão comunitário para limpeza da comunidade e uma série de ações de conscientização pela limpeza do local. No processo, além de alcançar uma efetiva mudança na região, o grupo, que estudava em escola da região, pesquisou o problema do lixo, aprendeu a desenvolver peças de mobilização social e criou importantes relações entre o espaço escolar e da comunidade.

as lideranças comunitárias, etc. Uma pauta local pode virar aprendizado e mobilização social, ampliando o repertório sociocultural e político de toda a comunidade.

Participação como foco

Existem inúmeras formas de realizar um mapeamento e todas podem ser interessantes se responderem ao contexto em que a escola se insere. Entre elas, a de Mapeamento Participativo é bastante utilizada por instituições de ensino e comunitárias. Isso porque, além de identificar os potenciais educativos de uma comunidade, o Mapeamento Participativo é, como dito anteriormente, um caminho de mobilização de um território para discutir um fim comum.



Ou seja, ele permite que a comunidade não seja apenas receptora do levantamento ou ação em curso, mas ativa em todo o processo, pensando sua execução desde o princípio. Entende-se que a partir dessa identificação dos pontos comunitários as pessoas já se articulam: cria-se uma relação entre quem pergunta e quem responde a pesquisa e a comunidade passa a se reconhecer.

No caso das escolas que adotam o Mais Educação, o mapeamento participativo pode e deve ser realizado pelo Comitê Local – uma vez que ele já reúne representantes da comunidade escolar e do entorno.

Passo a passo

Como em todos os processos educativos, não há uma única forma de desempenhar esse mapeamento. Cada comunidade, cada escola e cada Comitê Local devem levar em conta suas características, composição, disponibilidade e interesses, estrutura de funcionamento, etc. Assim, o planejamento desse mapeamento pode e deve ser alterado de acordo com as características do território e grupo em questão. Contudo, existem alguns passos básicos que formam a linha orientadora desse tipo de atividade.



A estrutura geral de um mapeamento pode ser dividida em três partes: planejamento, execução e sistematização.

1. Planejamento

A primeira parte, o planejamento, é a que efetivamente pede maior atenção: uma atividade bem planejada certamente tem maiores chances de sucesso.

O Comitê Local deverá decidir qual local será mapeado, trocar ideias para execução da atividade, dar sugestões das informações que deverão ser levantadas e dividir as responsabilidades. Mas, acima de tudo, o coletivo deverá discutir e entender o que se deseja com a atividade. Idealmente um mapeamento participativo deve servir para identificar:

- Espaços para realização das atividades da escola: salões das igrejas ou templos, fábricas, campos de futebol, ginásios, espaços para eventos, etc.

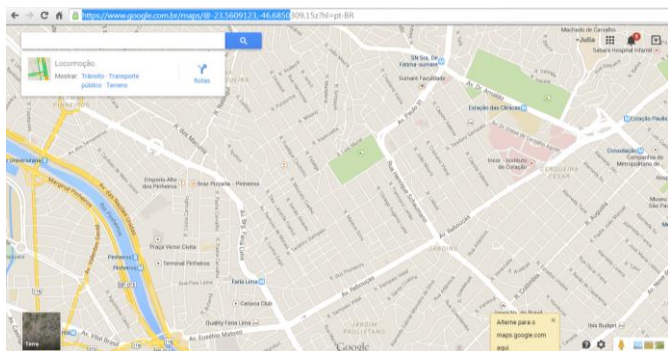
- Equipamentos que podem contribuir com as disciplinas curriculares e do Mais Educação: uma rádio pode apoiar as atividades de educomunicação, um parque ou um jardim de um morador pode servir para uma atividade de ciências, o posto de saúde pode apoiar uma aula de biologia ou uma atividade sobre cuidados pessoais, etc.

- Monitores e voluntários: pessoas com habilidades e conhecimentos podem apoiar a escola tanto como monitores pelo Mais Educação, quanto como voluntários convidados dos professores para discutir um determinado tema de interesse da disciplina.

- Espaços geradores de conteúdo: os espaços têm histórias que podem apoiar a discussão dos estudantes, ou convidar as escolas a novas discussões, problematizando temas de interesse local. Essas discussões, inclusive, como dito anteriormente, podem convidar a escola a desenvolver intervenções e atuações coletivas com a comunidade.

Material de apoio
Mapeamento: Ampliando as possibilidades de interlocução com o território

A área a ser mapeada deve ser, preferencialmente, a do entorno da escola, ou seja, próxima e de preferência de fácil acesso. Como a construção de mapas é tarefa para geógrafos e satélites, podemos usar alguns recursos e mapas já prontos disponíveis na internet. O mais famoso é o Google Maps, ou mapa do Google, que você encontra no link: <http://maps.google.com.br/>.



Usando o Google Maps

1. Assim que a página abrir, você verá um mapa do Brasil. Digite o nome da escola e cidade, e o mapa da região aparecerá.

2. O Google irá mostrar o lugar da escola no mapa com uma bolinha vermelha com a letra A.

3. É só aproximar a imagem clicando no + até avistar as ruas e avenidas de todo o entorno da escola.

4. Você pode também mover a imagem e imprimi-la. Assim, o grupo poderá escolher quais ruas serão mapeadas. Para imprimir. Clique na barra do seu navegador no botão “arquivo” e selecione a opção “imprimir”.

Para apoiar a realização do mapeamento vale investir no diálogo com outros parceiros, para além do comitê, como, por exemplo, líderes comunitários que possam apoiar a divulgação do mapeamento. É interessante que a população do entorno da escola seja informada e se sinta segura em fornecer informações, atender as pessoas que estiverem desenvolvendo o mapeamento, etc.

2. Execução

Mapa impresso, ruas escolhidas, grupos divididos: é hora de ir para a rua (re)conhecer o bairro. Nessa hora é preciso ter em mente o objetivo da atividade e a certeza de que cada uma das ruas do mapa possui detalhes, lugares e pessoas capazes de apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

Cada rua ganhará novos contornos: no lugar de “rua 15 de setembro”, a rua ao lado da escola será a rua da padaria do Seu Geraldo, da Dona Ana que tem uma horta, e do terreno que as crianças do bairro usam para empinar pipa.

Além da identificação cartográfica dos espaços, é interessante entender como eles funcionam, seus horários de funcionamento, contato dos responsáveis pelo espaço, etc.

3. Sistematização

Com os pontos levantados, é hora de montar um grande mapa para identificação visual de todos os pontos. É nessa hora que o grupo acessará todas as informações mapeadas, tendo clareza das várias oportunidades no entorno da escola.

Assim, é preciso:

- Montar o mapa, identificando de forma visual os locais e indivíduos encontrados;
- Ler e organizar as entrevistas ou formulários de levantamento aplicados, montando, por exemplo, um banco de dados com as oportunidades identificadas;
- E, finalmente, produzir um material de devolutiva à escola e à comunidade: afinal, todos foram mobilizados a um caminho comum e certamente gostarão de saber o que será produzido a partir da pesquisa. O Comitê deve procurar um caminho para apresentar as possibilidades de atuação a partir dos dados mapeados: apresentar aos professores as oportunidades encontradas, conversar com um morador que possa contribuir com uma determinada atividade na escola, formalizar uma parceria para realização de atividade da escola em um determinado espaço.

Dica

Outro ponto importante é avaliar a atividade, levantando se as expectativas de todos foram atendidas e quais os pontos a melhorar em outras oportunidades.

Para enriquecer o debate!



Pesquisador defende: esforços para mapear territórios apoiam a criação de arranjos de educação integral

Por Ana Luiza Basílio, do Centro de Referências em Educação Integral

“A cartografia vem no sentido de observar a realidade, ou seja, não só se deslocar, mas observar as interações mantidas, as relações de poder, interpessoais, geracionais, a forma como os espaços são utilizados, quais deles são negados”. É assim que o professor Juarez Melgaço Valadares, docente da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), define a atividade de cartografar, ou mapear espaços.

Para ele, o mapeamento é fundamental para a educação integral, uma vez que convida a escola e o território a se perceberem e interagirem. Nesse sentido, embora a atividade seja a de identificar em mapas pontos de interesse para uma determinada função, a cartografia torna-se uma ferramenta capaz de organizar e potencializar os arranjos socioculturais e educativos presentes em diversos territórios.

Em entrevista ao Centro de Referências em Educação Integral durante o I Seminário Internacional do TEIA-UFMG, Valadares discute a importância da escola se relacionar com seu entorno e de assumir outras possibilidades de aprendizagem que não necessariamente se encontram no ambiente escolar. Contudo, o professor adverte que é

preciso ter cuidado para não “escolarizar demais” as possibilidades de aprendermos com e no território.

Para Valadares, que coordenou o Grupo de Trabalho Cidade e Territórios Educativos, durante o seminário, é preciso compreender que existem relações simbólicas e individuais que cada pessoa estabelece com o espaço. “Não é só fazer com que a pessoa frequente o espaço; é uma questão autônoma do sujeito, que diz de seu empoderamento, de ver e criar significado para ele”.

Confira a entrevista na íntegra

Centro de Referências em Educação Integral: Cartografar, mapear espaços ganha um novo sentido com a educação integral?

Juarez Melgaço Valadares: Eu acho que sim porque ela parte de uma proposta orientada de atividade. Uma atividade que, diferentemente dos mapas tradicionais, também olham os sujeitos e as interações que acontecem naquele espaço. Por isso, afasta um pouco do conceito tradicional da cartografia com os mapas e aproxima mais de território. E a cartografia vem nesse sentido, de observar a realidade, ou seja, não só se deslocar, mas observar as interações mantidas, as relações de poder, interpessoais, geracionais, a forma como os espaços são utilizados, quais deles são negados.

Tudo isso, na verdade, faz parte do que hoje chamamos de cartografia. De maneira geral, ainda acho que temos compreendido pouco o significado da cartografia, tendo em vista as articulações e passagens que ela promove em seu curso, porque ela articula os sujeitos entre si, os sujeitos e o conhecimento, como também articula a relação dele com o espaço. Tenho percebido a cartografia como um elemento de passagem, articulador, transicional.

Centro de Referências: A cartografia é então um elemento constituinte da ideia de cidade educadora? E quais são os outros elementos?

Valadares: A cartografia é um elemento importante, mas eu não tenho dúvidas de que os sujeitos são centrais desse processo. Vou partir de um exemplo, as cicloviárias de São Paulo. A passagem, a presença desse sujeito na cidade, o que modifica, que tipo de olhar provoca? Os grupos que frequentam os espaços públicos ou mesmo os que não frequentam dizem dessa relação com a cidade. E estou falando de uma perspectiva de direito, porque temos direito ao centro da cidade, aos shoppings, e garantir isso é direcionar a centralidade do processo educativo para os sujeitos.

Material de apoio
Mapeamento: Ampliando as possibilidades de interlocução com o território

Centro de Referências: A presença do sujeito em um espaço público, precisa ser mediada para que a aprendizagem aconteça?

Valadares: Acho que temos duas coisas aí. Um exemplo que eu gosto muito, sou professor de Física, e costumo brincar com o pessoal de Biologia, que as pessoas plantam feijões o tempo inteiro. Você faz isso na infância, na escola, e também quando se forma para dar aula. Quer dizer, tem um conhecimento aí que é geracional e que depende de uma intencionalidade educativa. Agora, tem uma questão que é própria do indivíduo, de tentar entender se aquele pé de feijão vai dar na 'casa do gigante'. O que eu quero dizer com isso? Tem uma coisa própria de cada um, que diz da sua relação com o espaço, sem que se tenha essa necessidade da mediação. Então, veja que não é só frequentar o espaço, é uma questão autônoma do sujeito, que diz de seu empoderamento, de ver e criar significado para ele.

Centro de Referências: E no caso da escola, não é necessário garantir uma intencionalidade pedagógica nessa relação?

Valadares: Sim, mas esse momento também requer cuidados. De fato, não é o levar por levar, mas também não é só deslocar a atividade escolar para outro espaço, que não o da escola, porque continuaremos impedindo que outras significações se estabeleçam nesses territórios. Temos que evitar o risco de escolarizar demais esse processo.

Centro de Referências: As experiências de cidade educadoras são uma realidade?

Valadares: No sentido de concretude, acho que é uma caminhada. Mas vejo que quando nos apropriamos de algo, dificilmente voltamos atrás e vejo isso com a percepção dos territórios como elementos educadores. As escolas que têm assumido mais essas interações, dificilmente se fecharão para elas.

As próprias comunidades já têm essa percepção de que os alunos não precisam ficar fechados nos espaços escolares e isso pode ser sentido a cada incursão das escolas nesses territórios. Tenho o relato de uma experiência que define bem o sentido disso, o caso de uma escola localizada no pé de um morro bastante íngreme e que utilizava um espaço no topo dele com os alunos, que encaravam a subida e a descida; os próprios moradores se organizaram para deixar uma mesa com suco para os alunos. Além de fantástico, isso mostra que essas relações podem e devem ser construídas.